

**Finanças comportamentais: o impacto do estado emocional na
tomada de decisões financeiras pessoais.**

***Behavioral finance: the impact of emotional state on personal financial
decision-making.***

Estefani Pezente dos Santos¹

1. INTRODUÇÃO

"O modelo financeiro de uma pessoa consiste numa combinação dos seus pensamentos, dos seus sentimentos e das suas ações em questões de dinheiro" (Eker, 2006, p. 175).

O ato de decidir financeiramente impacta o cotidiano das pessoas, exigindo avaliações frequentes em diversas áreas da vida. Como, por exemplo, na gestão de contas a pagar e a receber, na aquisição de mercadorias e prestação de serviços, na aplicação de capital em investimentos ou na contratação de operações de crédito. Diversos elementos impactam as decisões tomadas. Isso ocorre porque, no comportamento econômico, é comum a emoção superar a lógica em nossas ações. (Silva, 2021, v. 21 p. 1271-1276).

Compreender a maneira pela qual os recursos financeiros devem ser utilizados é um pilar crucial para o crescimento de cada pessoa, considerando a grande importância do dinheiro para a sobrevivência e o avanço na vida. Identificar o potencial e a aplicação estratégica do empréstimo é um desafio considerável para a maior parte dos brasileiros, situada em um ambiente social onde o estímulo à busca de conhecimento em finanças individuais ainda é escasso.

A expansão da utilização do crédito plástico repercute diretamente sobre o rendimento pessoal, já que muitas pessoas comprometem uma parte considerável de seus rendimentos na aquisição de produtos (Santos, 2014, v. 13. p. 07-20).

Para Domingos (2011), a educação financeira significa a capacidade de tomar decisões conscientes sobre o uso dos recursos disponíveis, para que você tenha controle real da sua vida. Torna-se, então, essencial entender como o capital é empregado para se ter o conhecimento exato da situação financeira.

A compreensão do planejamento financeiro proporciona inúmeros benefícios para a execução de escolhas assertivas, ou seja, baseadas no fluxo financeiro.

Portanto, este estudo procura responder à seguinte problemática: Como as emoções influenciam na tomada de decisões financeiras? Tem-se como hipótese que, conhecendo as causas do descontrole financeiro, os indivíduos estarão aptos a reorganizar suas finanças com medidas eficazes.

¹ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil.

O objetivo geral desta pesquisa é determinar se as emoções podem influenciar o domínio financeiro pessoal, e o subsequente aumento do endividamento individual, além de ter objetivos específicos como: compreender o papel da formação financeira na gestão pessoal, interpretar a influência dos fatores psicológicos nas escolhas financeiras e apresentar os fundamentos da economia comportamental e sua aplicação prática. Este estudo é direcionado a todos que desejam aprimorar sua saúde financeira.

Os resultados deste estudo podem oferecer contribuições teóricas e práticas para futuras pesquisas sobre sentimentos e finanças.

Este trabalho se justifica pela necessidade de investigar se existe uma relação direta entre o desequilíbrio sentimental e a tendência ao endividamento. Ademais, destaca-se a relevância de evidenciar o valor da educação financeira como instrumento essencial para a gestão adequada dos recursos financeiros. Compreender as causas reais do desequilíbrio financeiro possibilita a adoção de medidas mais assertivas visando o domínio e a reorganização das finanças individuais.

Segundo Mello (2018), na vida real, decisões financeiras frequentemente não são racionais, são baseadas em fatores emocionais, como o medo e a ganância. O gasto é visto como uma forma de compensar a angústia, a ansiedade ou a ausência de sentido, o que leva a um padrão de gastos descontrolados.

Conforme Rufino (2017), o prazer em gastar é compulsivo, levando a um consumo exagerado de tal forma que acaba comprometendo sua condição de vida, sua paz interior, ocasionando ansiedade, preocupação e estresse.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 PROCESSO DE ESCOLHA FINANCEIRA

Conforme Alves e De Carvalho (2021), a administração de recursos financeiros é uma realidade inerente à vida adulta de cada pessoa, exigindo decisões sobre a destinação desses recursos financeiros a fim de garantir a sobrevivência atual e para o planejamento do futuro. Cada indivíduo estabelece os procedimentos para a aquisição e utilização do seu próprio capital. Portanto, pessoas, conscientemente ou não, fazem escolhas que influenciam a sua administração financeira pessoal. Logo, é crucial obter conhecimentos fundamentais sobre finanças individuais.

O método de escolha de decisões pode ser segmentado em quatro etapas: a urgência de escolher, o reconhecimento, e a avaliação e a seleção. Frequentemente, a escolha se apresenta como um processo complexo e potencialmente desconfortável, exigindo tempo, concentração e, normalmente, o assumir de responsabilidades. No entanto, a ausência de decisão também possui implicações ou nem sempre representa uma decisão consciente. (Barros, 2010).

Barros (2010), em seu artigo “O que determina a tomada de decisão financeira: razão ou emoção?”, mostra que vários outros escritores que explicam esse processo. O autor Gianetti (2005) indica que a decisão é levada em conta. Ela é intertemporal,

implicando na escolha entre acontecimentos atuais e do futuro, como se não houvesse tempo suficiente. Sobreviver para usufruir do dinheiro economizado, o que implica em renunciar à satisfação instantânea por um maior prazer futuro, mas isso é apenas teórico. Já Ferreira (2008) ressaltou que a população não tem domínio sobre suas ações econômicas, mas têm um conhecimento amplo sobre ele. Pouco se sabe acerca desse método de decisão, portanto, a escolha raramente é estritamente lógica, sendo impactada por uma série de elementos imagináveis e inesperados.

Conforme Lima Filho et al. (2020), quando as escolhas financeiras são feitas, a saúde coletiva pode ser comprometida de maneira errônea, já que impacta a população que manuseia dinheiro e outros itens financeiros. A educação financeira tem importância crescente no mercado, pois a tarefa de educar é complexa e se intensifica quando o indivíduo carece de conhecimento aprofundado sobre o tema.

2.2 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS, FINANÇAS PESSOAIS E EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Dias (2022) afirma que a economia comportamental foca na análise do comportamento e das decisões individuais, a partir de uma perspectiva econômica. O estudo é feito examinando as influências de cunho mental, social e emocional que determinam as ações econômicas. Ao contrário da economia tradicional, que se baseia na simples ideia de gastar abaixo da renda para assegurar a segurança financeira, a psicologia econômica busca compreender as razões pelas quais um ato aparentemente simples, como poupar dinheiro, não é adotado por boa parte das pessoas. Assim, essa área procura entender o funcionamento dos mercados financeiros, incorporando a análise dos fatores psicológicos das pessoas.

Segundo Massaro (2015), a aplicação de técnicas e práticas de administração financeira no contexto de indivíduos e famílias define o campo das finanças individuais. Considerando a extensão do impacto desta área em diversos aspectos da vida humana, que vão desde a esfera profissional e interpessoal até a educação e o bem-estar, é essencial um planejamento eficiente e um diagnóstico realista para uma gestão apropriada.

Pussiareli (2015) argumenta que a forma como uma pessoa administra suas finanças individuais está diretamente relacionada à forma como lida com seu dinheiro. O autor afirma que, ao alcançar um equilíbrio entre entradas e saídas, é possível focar nas necessidades reais e eliminar o desperdício. Essa gestão financeira, segundo Pussiareli, pode proporcionar vantagens em diversos horizontes de tempo. No curto e médio prazo, essa prática permite uma visão clara do fluxo financeiro, reduz o risco de inadimplência e facilita o planejamento de despesas futuras, como a antecipação de parcelas. Ademais, a longo prazo, possibilita a economia para investimentos significativos, como a aquisição de propriedades, automóveis e outros pertences.

Conforme Massaro (2015), na concepção financeira, existem duas grandes diferenças entre o indivíduo e a empresa. O primeiro ponto é o fator humano, que é inerentemente parcial e tem suas crenças e emoções impactando fortemente todas as escolhas financeiras, sejam elas de consumo ou de investimento. Em contraste, no ambiente corporativo, as escolhas financeiras requerem imparcialidade e objetividade. A

segunda diferenciação se refere ao hábito comum e economicamente viável nas empresas de usar recursos financeiros de terceiros para aumentar o capital e aumentar os lucros, fenômeno conhecido como alavancagem financeira. No âmbito das finanças individuais, tal ação não é economicamente benéfica; em vez disso, defende-se a preservação da independência financeira e a prevenção do endividamento.

Segundo Cherobim e Espejo (2010), finanças individuais é a área que aplica conceitos financeiros nas escolhas de indivíduos e famílias, levando em conta suas fases de vida e eventos específicos, para auxiliar no planejamento. Além disso, Frankenberg (2012) afirma que um bom planejamento financeiro requer "estabelecer e seguir uma estratégia" para acumular bens e construir patrimônio, o que também envolve uma fase de conscientização.

Minella (2016) concorda que a própria carência de Educação Financeira e os diversos problemas dela decorrentes evidenciam sua grande importância. A autora destaca que a carência desse tipo de estudo na educação formal resulta em prejuízos como o descontrole com cartões de crédito (especialmente em parcelamentos), empréstimos com juros altos e sem planejamento, uso indiscriminado do cheque especial, e a incapacidade de avaliar se é melhor comprar à vista ou a prazo e para entender as taxas de juros.

A educação financeira é o ponto inicial para administrar suas finanças de maneira eficaz, e o planejamento é essencial para a escolha de decisões antecipadas, pois auxilia a pessoa a identificar sua real situação financeira. É crucial para o indivíduo ter ciência sobre o tema para que ele saiba administrar suas finanças individuais, pois isso o habilita a administrar seus próprios recursos e a fazer escolhas financeiras. Contudo, para manter uma vida financeira equilibrada e saudável, é necessário disciplina; não basta entender as táticas, é necessário obedecer às normas. (Jesus, 2019).

Halfeld (2001) afirma que o domínio das finanças individuais é fundamental para indivíduos e nações que buscam sair da pobreza, pois saber investir os recursos é essencial para o bem-estar individual e para a economia de um país. O autor destaca ainda que o maior desafio para alcançar o domínio financeiro pessoal é a dor emocional sentida ao renunciar ao consumo imediato em troca de uma recompensa futura.

2.3 PLANEJAMENTO FINANCEIRO

Para Massaro (2015), a organização financeira é o conjunto de ações e práticas adotadas para usar o dinheiro de forma mais racional, a fim de maximizar os benefícios que ele pode proporcionar.

Para Ferreira (2008), a organização financeira é favorecida pelo emprego de ferramentas financeiras, que são métodos de organização e controle indispensáveis para a gestão eficaz das finanças individuais. O autor explica que essas ferramentas aumentam a consciência sobre os gastos, promovem um melhor uso dos recursos e

ajudam a identificar desequilíbrios. A planilha, seja ela eletrônica ou de papel, é citada como a ferramenta mais comum para o registro de entradas e saídas mensais. Quando se mantém a organização feita apenas através da "contabilidade mental", a administração é subjetiva e não reflete com precisão a verdadeira situação financeira, pois tendemos a organizar nossas finanças em três categorias mentais: a conta de ganhos e gastos cotidianos, a conta de propriedades e a conta de renda futura.

Na visão de Massaro (2015), o orçamento é uma ferramenta financeira com foco no futuro, utilizada para prever eventos financeiros. Ele argumenta que essa ferramenta é indispensável tanto para as empresas quanto para as finanças individuais e deve ser usada em conjunto com o registro de informações financeiras. Para uma administração eficaz, seja ela pessoal ou corporativa, é fundamental ter planejamento, organização, controle e liderança. No entanto, o autor enfatiza que esses princípios não são suficientes se fatores externos como inflação, juros, desemprego e câmbio não forem levados em conta, pois eles não podem ser alterados pelo gestor. Já referente aos fatores internos, a gestão pode exercer grande influência, e Massaro destaca que, nas finanças individuais, os principais são o montante de renda e consumo, as crenças e princípios, e as prioridades estabelecidas para o uso dos recursos.

Para Rodrigues et al. (2019), todas as etapas do orçamento financeiro, desde a avaliação, a definição de objetivos e sua implementação, exigem uma atenção minuciosa aos detalhes para evitar discrepâncias durante a prática. Devido à sua complexidade e ao esforço necessário para a elaboração, é crucial considerar os diversos elementos que influenciam os interesses financeiros individuais. Em contraste, Massaro (2015) sustenta que, apesar de a administração financeira pessoal parecer difícil para muitos, na realidade é um processo simples, acessível a qualquer pessoa disposta a aprender a gerir seus recursos de forma mais saudável. No entanto, ambos os pontos de vista convergem no entendimento de que, quanto mais se utiliza o orçamento financeiro, maior a probabilidade de tomar decisões acertadas referentes a investimentos e gastos.

2.4 EMOÇÕES E ENDIVIDAMENTO

Conforme Myers (1999), a emoção é o que anima a vida, mas os seres humanos se distinguem por serem mais emotivos, manifestando sentimentos (como raiva, medo, tristeza, alegria e amor) de forma constante.

Para Davidoff (2001), as emoções são formadas por componentes subjetivos, fisiológicos e comportamentais.

Conforme Santos (2020), em muitos casos, o endividamento transcende as dificuldades financeiras, atingindo também o psicológico dos indivíduos. Ademais, a instabilidade financeira afeta a qualidade de vida e as relações interpessoais. Essa pressão do endividamento é, inclusive, considerada a principal causa de divórcio entre casais brasileiros.

Para Souza (2019), existem múltiplos elementos relacionados ao comportamento que podem influenciar a tendência ao endividamento; pessoas com um perfil específico estarão mais propensas a enfrentar problemas financeiros. Este padrão de dívida está ligado ao estágio de vida do indivíduo, levando em conta fatores como faixa etária, estado conjugal, entre outros. Há diferenças nos padrões de consumo da população quando comparada à geração anterior. Os indivíduos são mais apreciados pelo que têm ou pelo que podem vir a ter, e a disponibilidade de crédito acessível também contribui para essa situação de dívida.

Para Ferreira (2008), este padrão de comportamento está relacionado à dinâmica psicológica daqueles que, movidos por impulso, procuram alívio imediato. Estão sempre em uma situação de privação e não se sentem saciados com seus bens. Assim, é fácil iludir-se de com a ideia que ao adquirir certos produtos, alcançarão um estado de total satisfação e plenitude. Segundo a autora, indivíduos que acumulam dívidas excessivas tendem a ser influenciados por fatores externos, além de existir uma combinação de variáveis.

Além das questões já citadas, o autor Minella (2016) atesta que, no cenário econômico e social atual, a vasta gama de opções de compra, tanto em ambientes virtuais quanto físicos, tem levado os indivíduos a utilizarem o consumo para satisfazer necessidades físicas e emocionais. O autor destaca que, especialmente os mais jovens, muitas vezes não compreendem o valor real do dinheiro, o que resulta na tendência de não perceberem seu endividamento como um problema e de continuarem a contrair mais dívidas enquanto houver crédito disponível. Ademais, a busca por aceitação social impulsiona os jovens a adquirir itens supérfluos e a usar o cartão de crédito de modo imprudente, fazendo com que a ansiedade por consumir e alcançar um certo status se sobreponha à razão. Como resultado, observa-se um elevado nível de endividamento nesse grupo.

Conforme Massaro (2015), é fundamental distinguir entre desejo, que se refere a algo que se quer, e necessidade, que é essencial para a condição de vida e sobrevivência. O autor explica que a publicidade e a procura por aceitação social levam muitas pessoas a fazerem escolhas financeiras prejudiciais, pois perdem a capacidade de fazer essa avaliação. Enquanto a aquisição por impulso esporádica é considerada natural, a frequência desses atos, a ponto de o indivíduo perder a responsabilidade financeira e a consciência do impacto de seu consumismo, pode ser um sinal de alerta para problemas de saúde mental.

Conforme Klontz e Klontz (2011), os distúrbios financeiros podem se manifestar em sintomas como ansiedade, preocupação excessiva com a situação financeira, falta de poupança, endividamento, falência, empréstimos pendentes, conflitos sobre dinheiro com pessoas próximas e a incapacidade de manter mudanças nos comportamentos financeiros.

Figueiredo (2015) menciona que a psicologia entende que a decisão final de um indivíduo é influenciada tanto por fatores externos quanto por emoções e desejos, uma vez que razão e emoção se conectam nas ações humanas. Além das causas já discutidas, o autor ressalta que os fatores afetivos podem ser a principal causa de

endividamento. Conforme o estudo da economia comportamental, o estado psíquico de uma pessoa contribui mais para o endividamento do que a ausência de crédito financeiro. Sob essa perspectiva, uma pessoa que está constantemente endividada também está "endividada emocionalmente", utilizando as compras com o intuito de preencher lacunas emocionais. Tais pessoas, que vivenciam esse endividamento emocional, são influenciadas por expectativas, frustrações, sonhos, desejos e insegurança referente à opinião de terceiros, e não percebem o quanto sua capacidade de tomar decisões está comprometida.

O julgamento humano é profundamente influenciado por sentimentos, desejos, crenças e opiniões. Tudo o que vivenciamos, inclusive no âmbito financeiro, fica registrado em nosso inconsciente e está diretamente ligado às nossas questões emocionais. Para solucionar dívidas financeiras, é fundamental identificar se elas estão conectadas a dívidas emocionais. Um exemplo disso é o ciclo chamado de "Roda do endividamento". Nele, uma pessoa se endivida por inveja: o sentimento a leva a comprar para se sentir no mesmo patamar de outra, o que gera dívidas e, conseqüentemente, angústia. Para tentar aliviar essa angústia, ela compra novamente, acumulando mais dívidas e intensificando a inveja. Esse ciclo se retroalimenta com as emoções e as ações que elas desencadeiam.

Muitas vezes, o consumo irracional é apenas um reflexo de um vazio interior e de necessidades emocionais não atendidas. Para preencher essa lacuna, a pessoa compra por impulso o que não precisa, sem planejamento, e acaba perdendo totalmente o controle (FIGUEIREDO, 2015).

2.5 TRABALHOS QUE FUNDAMENTAM A PESQUISA

Para situar o presente estudo no contexto da literatura e justificar sua importância, é fundamental analisar pesquisas relacionadas que tratam da interseção entre finanças pessoais, comportamento humano e fatores emocionais no endividamento.

Esta pesquisa fundamenta-se principalmente nos resultados de dois trabalhos, cujos questionários constituíram a base metodológica: Farias (2024) e Reis (2019).

O estudo de Farias (2024), intitulado Emoções, Finanças Pessoais e Endividamento: Um Estudo com Graduandos em Administração da UFPB, teve como objetivo principal analisar a visão dos alunos de Administração em relação a influência das emoções na administração das finanças individuais e no endividamento.

A pesquisa utilizou um questionário com uma amostra de 71 alunos da mesma instituição, caracterizando-se como um estudo descritivo com abordagem quantitativo-qualitativa. Foi constatado que 81,7% dos participantes consideraram que o estado psicológico possui intervenção nas finanças individuais. Os estudantes percebem essa intervenção principalmente em cenários de tensão, tristeza e exaustão emocional, que geram uma propensão a despesas excessivas e ausência de domínio financeiro. O estudo reforça, portanto, que a educação financeira aliada às finanças relacionadas ao comportamento pode promover a saúde social dos jovens.

Além de fornecer um modelo metodológico validado com um público-alvo semelhante (estudantes universitários), este estudo confirma a premissa central da pesquisa atual sobre a forte conexão entre emoção e finanças.

O trabalho de Reis (2019), intitulado A Influência do Estado Emocional nas Decisões de Consumo e na Administração das Finanças Pessoais, buscou avaliar se o estado psicológico pode causar desequilíbrio nas finanças individuais e contribuir para o endividamento. A revisão de literatura de Reis (2019) sustenta que o desequilíbrio emocional pode ser a principal causa do desequilíbrio financeiro, e não apenas uma consequência.

A pesquisa utilizou uma metodologia mista (bibliográfica e análise de informações via questionário eletrônico) com 100 respondentes. A pesquisa empírica da autora não corroborou os estudos anteriores devido ao perfil socioeconômico atípico da amostra (maioria com alto nível de escolaridade e renda). Não obstante, 34% dos participantes afirmaram que o desconforto emocional os leva a gastar em excesso. A autora concluiu que a Instrução Financeira é o principal caminho para o combate ao endividamento.

Este estudo foi fundamental por levantar o problema central da presente pesquisa, reforçando a tese de que a Psicologia Econômica aponta o desequilíbrio nos sentimentos como causa do descontrole financeiro.

3. METODOLOGIA

Segundo Severino (2000), a metodologia de pesquisa serve como um guia prático para a condução de estudos científicos, fornecendo os passos necessários para a execução de uma pesquisa. Ela não apenas indica as etapas do processo científico, mas também impulsiona questionamentos sobre os limites da ciência, como sua capacidade de compreender e modificar a realidade.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo empregou dois instrumentos principais.

Primeiramente, foi realizada uma revisão bibliográfica com o propósito de sintetizar o conhecimento existente e identificar conteúdos relevantes para a temática investigada. Essa fase utilizou uma abordagem qualitativa, permitindo a análise aprofundada dos conceitos referentes ao tema. Em segundo lugar, a pesquisa empírica foi conduzida através de preenchimento de um questionário, visando a obtenção de informações probabilísticas. Esse método foi crucial para adquirir dados primários, os quais fundamentaram a análise e as conclusões deste trabalho.

O presente estudo é de natureza descritiva-explicativa. Segundo Andrade (2010), essa abordagem implica que os fenômenos são observados, analisados e explicados, com o pesquisador mantendo-se isento de intervenção.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário (elaborado no Google Forms) e aplicado aos discentes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do Centro Universitário Salesiano (UNISALES), em Vitória (ES). Este questionário foi adaptado a partir de um originalmente criado e aplicado por Reis (2019) em seu artigo, que discute o impacto de elementos emocionais nas finanças individuais. O questionário possui 23 questões e foi segmentado em três partes. A seção inicial apresenta dados gerais dos participantes, como gênero, idade, curso, se possui filhos, receita familiar e origem da renda. A segunda seção aborda educação financeira, endividamento e emoções, contendo questões abertas e fechadas sobre acesso, planejamento, gestão, investimentos e dívidas. Por fim, a terceira parte foca na relação entre decisões, finanças e emoções. Nesta parte, as questões foram estruturadas em Escala Likert de cinco pontos, para mensurar o grau de concordância, na qual 1 corresponde a "Discordo Totalmente" e 5 a "Concordo Totalmente", sendo os demais pontos (2, 3 e 4) designados para os posicionamentos intermédios.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O universo da pesquisa foi constituído pelos discentes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da faculdade UNISALES, localizada em Vitória, Espírito Santo. Conforme informações fornecidas pela coordenadora dos cursos, o número total de alunos matriculados é 195. Com base em Marconi e Lakatos (2015), a amostra é definida como uma porção do universo de pesquisa selecionada de forma aleatória. Para selecionar a porção, pode-se optar pela amostragem por grupo ou por conglomerado. Em virtude da facilidade de obtenção, o estudo contou com uma amostra de 195 alunos da UNISALES, abrangendo os cursos de Administração e Ciências Contábeis. Sendo assim, a amostra foi calculada através da amostragem por composição aleatória simples.

Para determinar o quantitativo da amostra, foi utilizada a fórmula apresentada por Milone (2004) para o cálculo de amostras aleatórias simples, que é a seguinte:

$$N_0 = \frac{1}{E_0^2}$$

$$n = \frac{N \times N_0}{N + N_0}$$

Sendo:

N_0 = primeira aproximação do tamanho da amostra

E_0 = erro amostral tolerável

n = tamanho da amostra

N = tamanho da população

Então, considerando que o erro amostral é de 10% e que a população é de 195 alunos, calcula-se n como segue:

$$N0 = \frac{1}{(0,1)^2} = \frac{1}{0,01} = 100$$

$$n = \frac{195 \times 100}{195 + 100} = \frac{19.500}{295} = 66,1 \text{ sendo considerados } 67 \text{ alunos.}$$

O questionário foi aplicado de forma online aos alunos por meio de compartilhamento de link em redes sociais. A utilização do questionário como instrumento de coleta de informações foi justificada pelas suas vantagens, que incluem a economia de tempo e recursos, a capacidade de alcançar uma parcela mais ampla da população e a obtenção de respostas mais rápidas e precisas. A Coleta de informações ocorreu entre 14 de outubro e 14 de novembro, resultando em uma amostragem de 68 participantes.

3.3 ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS O tratamento e a análise dos dados foram realizados com o suporte do software Microsoft Excel, com a finalidade de organizar as informações obtidas por meio de tabelas e gráficos. Posteriormente, os resultados foram comparados com as evidências encontradas na revisão bibliográfica sobre o tema, permitindo uma análise aprofundada e a validação dos objetivos propostos neste estudo.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Inicialmente, a primeira seção do instrumento de pesquisa teve como objetivo caracterizar o perfil sociodemográfico e acadêmico dos estudantes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNISALES. Foram levantadas informações essenciais como gênero, idade, curso, se possui filhos, rendimento mensal familiar e procedência da renda principal, apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Classificação dos universitários

Itens	Dados	Porcentagem
Gênero	Masculino Feminino	38,2% 61,8%
Idade	Até 20 anos Entre 21 e 25 Entre 26 e 30 Entre 31 e 35 Acima de 36	16,2% 54,4% 14,7% 5,9% 8,8%
Cursos	Administração Ciências Contábeis	66,2% 33,8%
Filhos	Sim Não	33,8% 66,2%
Receita familiar mensal	Até 1 salário-mínimo (R\$1.518,00) Até 2 salários-mínimos (R\$3.036,00) Até 3 salários-mínimos (R\$4.554,00) Acima de R\$4.554,00	10,3% 54,4% 17,6% 17,6%
Principal fonte de renda	Emprego formal Emprego informal Estágio Não trabalha/faz estágio	63,2% 13,2% 17,6% 5,9%

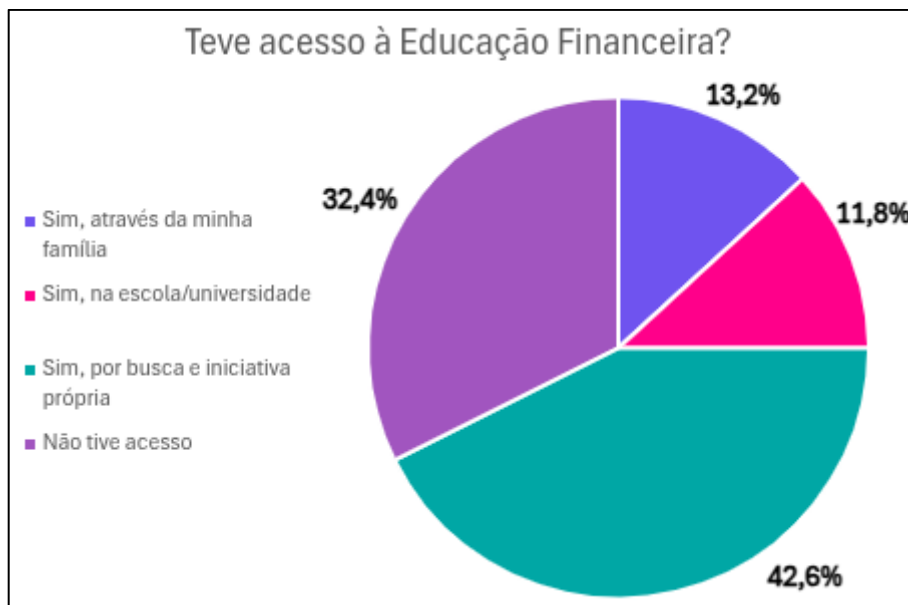
Fonte: Elaboração própria (2025)

A caracterização sociodemográfica da amostra revelou uma predominância do gênero feminino (61,8%) sobre o masculino (38,2%). Em termos de idade, a maioria dos participantes (54,4%) encontrava-se na idade entre 21 e 25 anos. Na distribuição por curso, 66,2% dos alunos eram da Administração e 33,8% de Ciências Contábeis. Em relação ao contexto socioeconômico, verificou-se que 66,2% dos participantes não possuem filhos. A análise da receita familiar mensal demonstrou que a maior parte da amostra (54,4%) reporta rendimentos de até dois salários-mínimos. Adicionalmente, a maior fonte de receita dos discentes é proveniente de trabalho formal (63,2%) e estágio (17,6%). A partir desses resultados, observa-se que aproximadamente 80% dos participantes já estão integrados ao ambiente de trabalho, seja formalmente ou via estágio. Essa significativa inserção laboral implica que a amostra contribui ativamente para a receita familiar e possui experiência direta no manuseio e gerenciamento de recursos financeiros.

4.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA E FINANÇAS PESSOAIS

A seção 2 do questionário teve como foco o levantamento de informações relacionados ao comportamento financeiro dos estudantes. A pesquisa cobriu variáveis como: acesso à instrução financeira, gestão financeira (planejamento e controle), uso de crédito, investimentos e o perfil do endividamento (nível e natureza).

Figura 1 - Teve acesso à educação financeira?



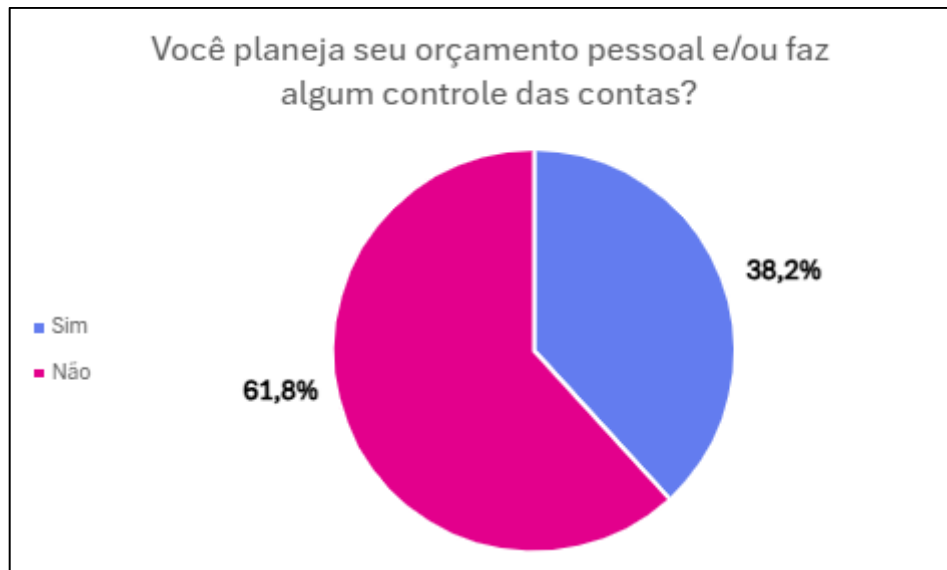
Fonte: Elaboração própria (2025)

A análise do acesso à instrução financeira (Figura 1) revelou que 67,6% dos respondentes reportaram ter tido algum contato com o tema, contrastando com 32,4% que acessaram. Entre os que acessaram, a iniciativa própria constituiu a maior fonte (42,6%), superando o convívio familiar (13,2%) e o ambiente escolar/universitário (11,8%). No nível individual, antes de qualquer aquisição, é crucial avaliar sua viabilidade e como ela pode afetar o conjunto de objetivos traçados, garantindo a racionalidade da decisão.

Segundo Huf e Zdanowick (2017), o orçamento financeiro tem um papel fundamental nas escolhas financeiras. No âmbito individual, antes de realizar qualquer compra, é indispensável analisar a viabilidade da aquisição e seu potencial impacto sobre os demais objetivos traçados no plano.

Os dados apresentados na Figura 2 refletem a situação pessoal dos estudantes referente ao seu planejamento.

Figura 2 - Qual o nível de gestão e acompanhamento que você aplica às suas despesas?



Fonte: Elaboração própria (2025)

Observa-se que 61,8% dos discentes não realizam o planejamento e o domínio de seu orçamento pessoal. Uma minoria de 38,2% declara, em contrapartida, manter alguma forma de gestão ou organização financeira. Estes dados revelam um paradoxo notável entre a formação acadêmica e a prática pessoal.

O Quadro 2 apresenta como os estudantes fazem esse controle.

Quadro 2 - Estratégias e abordagens para a gestão das finanças pessoais.

Itens	Número de respostas
Organizo minhas contas apenas mentalmente, e consigo administrar bem minhas receitas e despesas, gastando menos do que ganho e não acumulando dívidas.	18
Organizo minhas contas apenas mentalmente, e não costumo me lembrar de todas as despesas, gastando mais do que ganho e acumulando dívidas para os meses seguintes.	6
Ainda não faço controle do meu orçamento pessoal e doméstico, mas vou passar a fazer, para tentar parar de acumular dívidas por gastar mais do que ganho.	17
Sempre tive o hábito de organizar minhas receitas e despesas através de planilhas ou anotações, e sempre consegui controlar minhas finanças pessoais, sem gastar mais do que ganho.	9
Depois que passei a organizar meu orçamento com anotação das receitas e despesas, percebi um controle mais eficiente de minhas finanças pessoais, e passei a conseguir quitar as dívidas.	6
Sempre tive o hábito de organizar minhas receitas e despesas em planilhas ou anotações, mesmo assim, muitas vezes acabo estourando o orçamento e gastando mais do que ganho, acumulando dívidas para os meses seguintes.	7
Nos meses em que faço anotação das receitas e despesas, percebo que gasto menos do que ganho e consigo quitar tudo em dia.	5

Fonte: Elaboração própria (2025)

A análise dos dados, obtidos a partir de 68 respostas, revela padrões distintos na administração financeira pessoal, abordando a eficácia e os riscos de diferentes métodos de controle. O método de controle puramente mental constitui o cenário mais prevalente. 18 respondentes afirmaram organizar suas finanças exclusivamente pela memória, reportando sucesso na administração de entradas e saídas, o que resultou em equilíbrio orçamentário e ausência de endividamento. Este achado sugere a presença de um subgrupo com elevada disciplina financeira inata e capacidade de monitoramento cognitivo eficaz. Contudo, essa estratégia demonstra ser intrinsecamente arriscada, uma vez que seis respondentes que também confiam exclusivamente no controle mental relataram falhas na gestão, culminando em despesas superiores à renda e acúmulo de passivos. Um segundo grupo significativo (17 respostas) é composto por indivíduos que, embora não pratiquem o controle orçamentário ativo, demonstram alta consciência da necessidade de intervenção, planejando a adoção de métodos de registro para mitigar problemas de despesas excessivas e endividamento. Esse dado sublinha o reconhecimento da inadequação do método atual e a necessidade por estratégias de gestão mais estruturadas. Em contraste, a adoção de métodos de registro explícito (planilhas ou anotações) demonstrou uma correlação majoritariamente positiva com o sucesso financeiro. O maior subconjunto dentro deste grupo (9 respondentes) indicou que o hábito

consistente de registro foi determinante para a manutenção do controle financeiro e para a prevenção de gastos deficitários. A eficácia corretiva do registro é corroborada por 6 respondentes que, após iniciarem a anotação sistemática de entradas e saídas, conseguiram um domínio mais eficiente e alcançaram a quitação de suas dívidas. Adicionalmente, 5 participantes confirmaram a relação causal entre a prática intermitente do registro e a noção de redução de gastos, facilitando o cumprimento pontual de obrigações financeiras. No entanto, os dados também indicam que a mera formalização do registro não garante o sucesso financeiro. 7 respondentes que utilizam planilhas ou anotações ainda relataram estouro orçamentário e acúmulo de dívidas. Este resultado sugere que o domínio financeiro transcende o simples ato de documentar transações, exigindo um componente crítico de análise contínua, planejamento orçamentário e, sobretudo, disciplina comportamental para a adesão estrita ao plano financeiro estabelecido.

O contexto macroeconômico atual, marcado pela flexibilização do crédito e pelo estímulo ao consumo, configura um ambiente propício ao endividamento pessoal, conforme pontuado por Santos (2014). Com o intuito de detalhar o impacto desse cenário no grupo estudantil, serão examinados a frequência de utilização de crédito (Quadro 3), a execução de aplicações financeiras (Figura 3), se existe débitos em atraso (Figura 4) e a natureza dessas obrigações financeiras (Quadro 4).

Quadro 3 - Utilização de crédito

Questionamento	Dados	Porcentagem
Possui cartão de crédito?	Sim Não	97% 3%
Se possui cartão, quantos?	1 2 3 4 ou mais Não possui	33,8% 44,1% 14,7% 4,4% 3%

Fonte: Elaboração própria (2025)

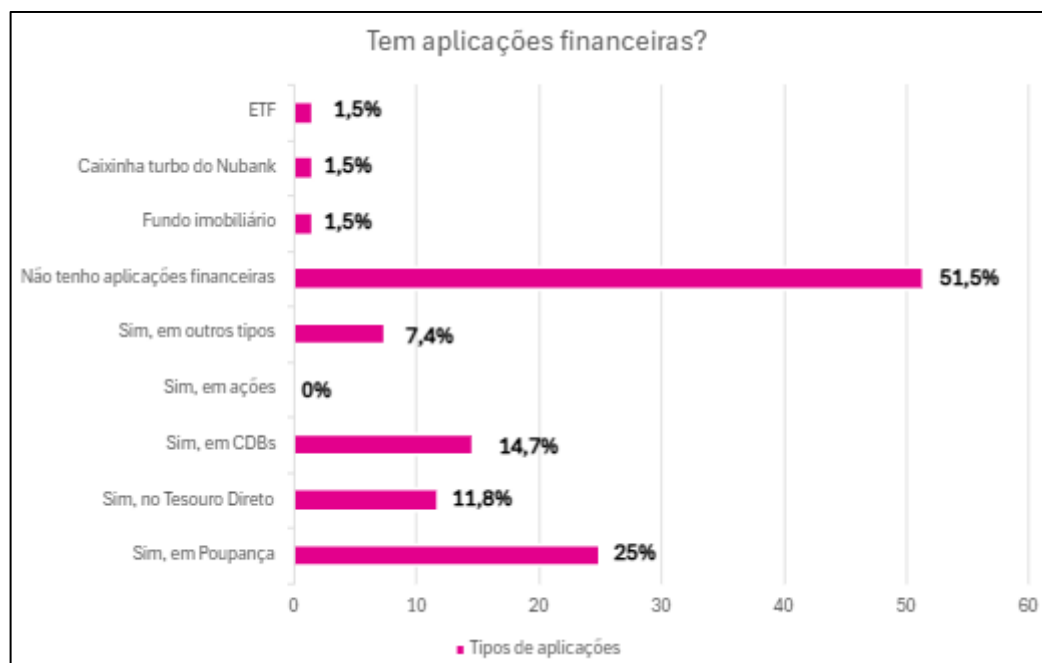
A simplicidade de acesso ao crédito tem concedido que os jovens possam usar um cartão de crédito, mas também utilizem múltiplos deles, conforme detalhado na Tabela 3. No grupo de estudantes pesquisado, a posse de cartão é a regra, com 97% afirmando ter pelo menos um, e apenas 3% não possuindo. Referente ao número de cartões, a maioria dos estudantes concentra-se na posse de um (33,8%) ou dois (44,1%) cartões. No entanto, uma parcela importante da amostra demonstra ter mais de um a um volume maior de crédito, com 14,7% possuindo três cartões e um grupo de 4,4% declarando ter quatro ou mais. Esse dado é particularmente relevante, pois sugere que os discentes podem estar sujeitos a uma gestão financeira mais complexa e, conseqüentemente, a um risco potencializado de endividamento. O cartão de crédito configura-se como uma modalidade de crédito pessoal, concedida por instituições financeiras ou bancos emissores, cuja utilização implica a obrigação de liquidar o valor total da fatura na data limite de pagamento. A relevância da análise destes dados sobre o uso de cartões é corroborada por estudos de mercado recentes. Pesquisas conduzidas por instituições como a Serasa (2023) têm consistentemente demonstrado não apenas um aumento na frequência de uso dos cartões de crédito

pela população, mas também a consolidação deste instrumento como a principal modalidade de endividamento no cenário nacional. Além da prática do domínio financeiro, que proporciona uma visualização aprimorada dos fluxos de receitas e despesas, é preciso planejar o futuro, o que envolve poupar pensando em metas de longo prazo. Fazer isso garante mais estabilidade financeira e nos ajuda a lidar melhor com qualquer imprevisto.

Conforme Kulzer (2020), o indivíduo, ao dispor de capacidade e condições para investir, direciona majoritariamente seus recursos para a caderneta de poupança. Este é um fenômeno esperado, visto que a poupança se mantém como o investimento mais comum no país, devido à sua simplicidade e facilidade de acesso. Entretanto, uma parcela considerável de investidores ainda apresenta lacunas no conhecimento sobre outras formas de investimento que poderiam oferecer maior rentabilidade. O ato de investir em aplicações financeiras estratégicas é crucial, pois representa o passo inicial para um futuro financeiro sólido e a concretização de metas. Contudo, a ausência de informação sobre os riscos inerentes, as melhores metodologias de investimento e os mais importantes ativos disponíveis no mercado constitui uma barreira significativa para a diversificação e otimização dos portfólios.

A Figura 3 detalha o conhecimento e a prática de investimentos entre os estudantes, apresentando as aplicações financeiras mais utilizadas por esse grupo.

Figura 3 - Aplicações financeiras



Fonte: Elaboração própria (2025)

Os estudantes tiveram a oportunidade de listar os tipos de aplicações financeiras que realizam, podendo escolher uma ou mais opções.

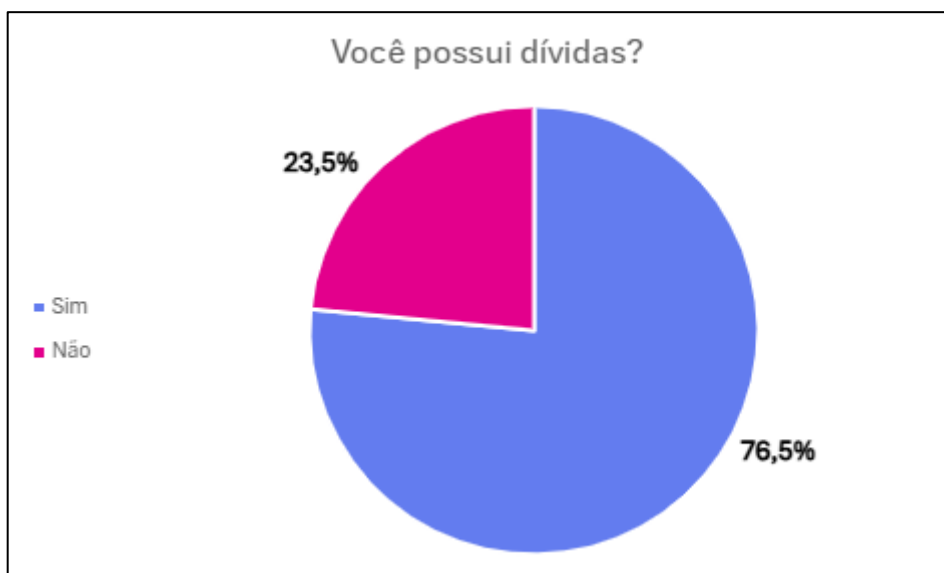
O resultado mostra que 51,5% dos discentes afirmaram não fazer nenhum tipo de investimento. Esse percentual pode indicar que eles ou não têm condições financeiras para investir no momento, ou lhes falta conhecimento sobre o tema, ou ainda, optam conscientemente por não poupar para o futuro. Analisando o grupo que realiza investimentos, os produtos mais conhecidos e aplicados são: a Poupança (25%), que segue sendo o investimento mais comum; os CDB's (14,7%), que demonstram uma busca por opções de renda fixa além da poupança; Tesouro Direto (11,8%); e outros tipos de aplicações (7,4%) que não foram especificados na pesquisa.

4.2 ENDIVIDAMENTO

Para complementar a análise sobre educação e conhecimentos financeiros, o presente estudo também se propôs a diagnosticar o nível de endividamento do grupo e a identificar as principais modalidades de dívida contraídas. Posteriormente, será avaliado de que forma as emoções impactam todos os aspectos financeiros anteriormente discutidos.

A seguir, a Figura 4 e a Tabela 4 fornecem dados detalhados. Nelas, é possível verificar a proporção de estudantes endividados e quais são as modalidades de dívidas mais comuns entre eles.

Figura 4 - Você possui dívidas?



Fonte: Elaboração própria (2025)

Os resultados da pesquisa indicam que o endividamento é um fator significativo entre os estudantes: 76,5% deles relataram possuir algum passivo, enquanto apenas 23,5% estão livres de passivos. Este percentual elevado confirma que a maioria dos estudantes neste grupo lida com dívidas, que podem apresentar-se de uma ou mais naturezas. Um achado particularmente interessante é a sobreposição de comportamentos financeiros: alguns estudantes declararam realizar investimentos no

mesmo momento em que débitos em atraso. Essa coexistência pode ter diferentes explicações. Em uma análise racional, pode ser uma estratégia para gerar juros nas aplicações e usar esse retorno para liquidar as dívidas futuramente. Contudo, é provável que, em diversas situações, essa situação ocorra porque as dívidas são de alto valor ou o estudante não tem condições de quitá-las no momento. A realidade é que as condições financeiras individuais nem sempre permitem seguir o domínio financeiro ideal.

Quadro 4 - Tipos de dívidas

Itens	Porcentagem
Cartão de Crédito	57,4%
Empréstimos bancários	16,2%
Empréstimo de pessoa física	5,9%
Financiamento	25%
Empréstimo de familiares	1,5%
Impostos e Taxas	1,5%
Não possui dívidas	19,1%

Fonte: Elaboração própria (2025)

A análise revela que o uso do crédito se destaca como a principal modalidade de endividamento entre os estudantes. Este achado está em consonância com o panorama nacional, visto que o Serasa (2023) também o identifica como a maior forma de débito dos brasileiros. É importante notar que, neste levantamento, os alunos puderam indicar múltiplos tipos de dívida.

Na sequência do uso de crédito, o financiamento surge como um dos passivos mais citados. Este instrumento é frequentemente utilizado para a aquisição de bens de alto valor (como imóveis, veículos, e até mesmo cursos universitários). Contudo, é uma modalidade caracterizada por juros e taxas elevadas e por ter um prazo de liquidação extenso (Serasa, 2022).

Quando mal administradas, essas dívidas podem rapidamente evoluir para um ciclo de endividamento crescente ("bola de neve"). Nesses casos, a dificuldade em liquidar o saldo devedor ou de conseguir uma renegociação viável compromete severamente o score de crédito e a saúde financeira do indivíduo. Como consequência, ocorre a restrição ao crédito, impedindo o acesso a novos empréstimos, financiamentos (imobiliários ou veiculares) e outras transações financeiras essenciais.

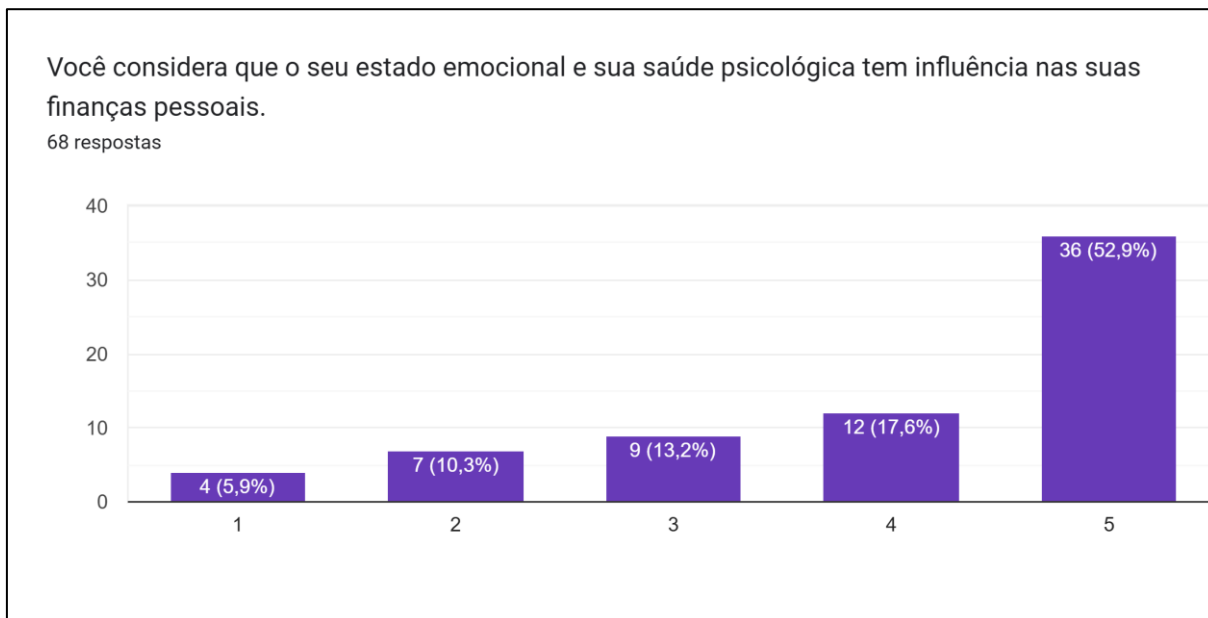
Para mitigar esses riscos, o acesso à instrução e a conhecimentos financeiros é crucial. O emprego de ferramentas de gestão e o suporte de profissionais especializados

4.3 IMPACTO DAS EMOÇÕES NAS FINANÇAS

A seção final desta pesquisa será dedicada à análise do objetivo principal do trabalho: verificar se os alunos reconhecem a intervenção das emoções em suas finanças

individuais (Figura 5). Em seguida, detalharemos as formas específicas pelas quais eles percebem que essa influência se manifesta (Quadro 5).

Figura 5 - Em que medida o bem-estar mental afeta a sua vida financeira?



Fonte: Elaboração própria (2025)

Acerca do potencial impacto do estado psicológico nas finanças, a grande maioria dos estudantes demonstra reconhecimento: 70,5% dos respondentes consideraram que há, de fato, uma relação entre o psicológico e escolhas financeiras, enquanto 13,2% se posicionam neutros e 16,2% discordam dessa percepção.

O Quadro 5 resume a conexão percebida pelos estudantes entre emoções e finanças, que podem ser categorizadas como: felicidade/euforia, tensão, tristeza e exaustão emocional. De forma geral, prevalece a percepção do efeito dos sentimentos negativos. Essa prevalência sugere uma tendência clara a despesas excessivas e ao desequilíbrio financeiro quando os discentes estão sob estados emocionais adversos.

Quadro 5 - Como as emoções afetam as finanças

Itens	Número de respostas
Em situações de alegria e euforia	15
Em situações tristes, de tensão ou exaustão emocional	31

Fonte: Elaboração própria (2025)

Além dos aspectos já discutidos, foram observados alguns outros pontos importantes relacionados à escolha, sentimentos e administração financeira. Estes achados adicionais estão detalhados no quadro a seguir:

Quadro 6 - Análise do grau de acordo acerca da gestão financeira, fatores emocionais e escolhas.

Descrição	Discordo totalmente	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo totalmente
Você tem tendência a gastos excessivos quando está triste/ansioso/preocupado.	16,2%	13,2%	16,2%	11,8%	42,6%
Você tem tendência a gastos compulsivos quando está alegre e quer comemorar.	10,3%	13,2%	13,2%	25%	38,2%
Você já adquiriu algo que não precisava só porque alguém tinha um.	23,5%	8,8%	13,2%	10,3%	44,1%
Você já excedeu o limite do cartão de crédito ao tentar cobrir despesas, mesmo sabendo que não conseguiria pagar o valor total depois.	27,9%	7,4%	7,4%	14,7%	42,6%
Você já comprou algo apenas motivado pelo prazer de posse.	19,1%	8,8%	5,9%	13,2%	52,9%

Fonte: Elaboração própria (2025)

A avaliação da propensão a despesas exageradas devido ao estado sentimental demonstrou que 54,4% dos respondentes concordam que realizam compras excessivas quando estão tristes, e 63,2% admitem despesas exageradas quando estão felizes. Em contrapartida, 29,4% discordam da realização de compras excessivas durante períodos de tristeza, e 23,5% discordam dessa prática durante períodos de felicidade. Adicionalmente, 54,5% dos participantes concordaram ter sentido a vontade de comprar algo motivados pela influência social ("só porque alguém já tinha um").

Em relação às estratégias de organização de dívidas, 57,3% dos discentes concordam que utilizam o crédito como ferramenta para tentar quitar despesas. Por fim, a maior parte dos entrevistados afirmou já ter comprado algo motivado somente pelo prazer da posse. Este achado corrobora a literatura que aborda o consumo por impulso, como o exposto por Ferreira (2008), segundo a qual indivíduos, movidos pelo impulso, buscam um alívio imediato em uma condição de escassez, o que resulta em um ciclo de insatisfação. Desse modo, a aquisição de itens não essenciais é frequentemente determinada pelo simples prazer da posse.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de decidir financeiramente abrange tanto a racionalidade quanto a influência emocional, conforme demonstrado pela pesquisa realizada. É de suma importância o domínio da educação financeira, implementação de um planejamento e controle orçamentário eficaz e o domínio de estratégias e ferramentas financeiras, a compreensão sobre dívidas e investimentos, e a capacidade de autoavaliar a interferência do psicológico com as finanças. A integração desses conhecimentos leva a decisões mais seguras, especialmente diante do atual panorama, que registra altos índices de endividamento entre jovens e adultos. Constatou-se que 67,6% dos jovens participantes afirmaram receber educação financeira de alguma maneira, e 61,8% declararam realizar o planejamento do orçamento pessoal e o domínio de suas contas. Tais resultados indicam que os jovens contemporâneos dispõem de um volume de informações significativamente maior do que o disponível nas décadas anteriores. Este avanço é atribuído, principalmente, à vasta oferta de conteúdos digitais e à crescente busca pela inclusão da educação financeira em diversos contextos. Ademais, a execução do questionário junto aos discentes de Administração e Ciências Contábeis do UNISALES permitiu constatar que 70,5% dos participantes consideraram que o estado emocional e a saúde psicológica exercem influência direta sobre as finanças individuais. Através desta investigação, foi possível analisar a conduta financeira e o processo decisório desses jovens, além da maneira como gerenciam seus recursos e percebem o impacto dos sentimentos. Embora muitos se considerem aptos para organizar a vida financeira, o grupo ainda se depara com um quadro de déficit de planejamento, gastos excessivos, inadimplência e endividamento. No que tange às emoções, muitos discentes perceberam que as emoções desfavoráveis geram uma influência mais forte no consumo do que as favoráveis, frequentemente culminando em decisões impulsivas que resultam em arrependimento posterior.

O objetivo central da investigação foi plenamente atingido. A coleta de informações junto aos discentes de Administração permitiu não apenas o traçado do perfil sociodemográfico e do nível de endividamento, mas também a análise da interferência das emoções na gestão financeira individual e a avaliação da influência da educação financeira na amostra.

As informações de natureza qualitativa do instrumento de pesquisa revelaram-se cruciais para o aprofundamento da compreensão da dinâmica financeira e da mediação emocional, agregando robustez aos resultados. A metodologia empregada demonstrou-se adequada para o escopo proposto, embora se reconheçam limitações inerentes ao tamanho da amostragem e ao período de coleta.

Este estudo contribui significativamente para o campo de pesquisa sobre finanças comportamentais. Sugere-se que investigações futuras ampliem o escopo para incluir outros segmentos da população, indo além do ambiente universitário.

Reitera-se a urgente necessidade e a relevância social da educação financeira em todas as etapas da vida, desde a formação básica até a vida adulta. Este conhecimento é imprescindível em todas as esferas socioeconômicas, sendo um vetor de saúde social e bem-estar individual.

Como medidas práticas essenciais voltadas à otimização da educação e administração financeira dos discentes da graduação de Administração, propõe-se a instituição de workshops temáticos regulares, cursos de extensão focados em planejamento e investimento, e a condução de seminários que promovam a integração entre finanças e saúde mental. Tais iniciativas são cruciais para munir os futuros gestores com o conhecimento essencial para o gerenciamento eficaz de suas próprias finanças.

REFERÊNCIAS

ALVES, Mylena Barreiros Epifânio; CARVALHO, Ana Barreiros de. **Finanças pessoais: um estudo sobre a relação entre o conhecimento de gestão financeira e o nível de endividamento pessoal**. Revista Valore. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22408/reva502020867340-354>

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas: Grupo GEN, 2012. E-book. ISBN 9788522478392. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522478392/>. Acesso em: 28 maio 2025.

BARROS, Carlos Augusto Silva et al. O que determina o comportamento financeiro do brasileiro: razão ou emoção?. Dissertação (Mestrado em Administração) - Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Gestão e Negócios, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/1390> Acesso em: 30 maio 2025.

CHEROBIM, A. P. M. S.; ESPEJO, M. M dos S. B. (Orgs.). **Finanças Pessoais: conhecer para enriquecer!** São Paulo: Atlas, 2010.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. 3. ed. São Paulo: Ed. Pearson, 2001.

DIAS, Emerson Weslei. **Finanças comportamentais: desejos, tentações e felicidade**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2022. E-book. Acesso em: 02 maio 2025.

DOMINGOS, Reinaldo. **Terapia financeira: aprenda a lidar com o dinheiro e viva sem surpresas**. 1. ed. São Paulo: DSOP, 2011.

EKER, T. Harv. **Os segredos da mente milionária**. Tradução Pedro Jorgensen Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 175.

FARIAS, Larissa Maria Santos de. **EMOÇÕES, FINANÇAS PESSOAIS E ENDIVIDAMENTO: Um Estudo com Graduandos em Administração da UFPB**. 2024. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/33353>.

FERREIRA, Vera Rita de Mello; CERBASI, Gustavo (Org.). **Psicologia Econômica: Estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão.** Rio de Janeiro: Campus, 2008. p. 338. (Coleção Expo Money).

FIGUEIREDO, Leiliane Kelma de Oliveira. **Finanças comportamentais e o endividamento financeiro emocional: Uma análise da população da cidade de Jericó - PB.** 2015. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015.

FRANKENBERG, L. Seu futuro financeiro: você é o maior responsável. 13ª edição, Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999. Acesso em: 03 maio 2015.

GIANETTI, Eduardo. **O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros.** São Paulo: Companhia das letras, 2005. p. 83-84.

HALFELD, Mauro. **Investimentos: Como administrar melhor o seu dinheiro.** 1. ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2001.

HUF, Eloá; ZDANOWICZ, José Eduardo. A importância do planejamento financeiro pessoal: estudo de caso com as formandas 2016 do curso de administração das Faculdades Integradas de Taquara. **Revista de Administração de Empresas Eletrônica-RAEE**, [S. l.], n. 7, p. 102-124, 2017. Disponível em: <http://seer.faccat.br/index.php/administracao/article/view/678/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

JESUS, Laízila Monik Neiva de. Finanças Pessoais: Um estudo sobre as contribuições da Educação Financeira para a qualidade de vida. **Revista Textura**, Governador Mangabeira, Bahia, v. 13, n. 21, p. 74-82, jan.-jun. 2019. Faculdade Maria Milza (FAMAM).

KLONTZ, Brad; KLONTZ, Ted. **A mente acima do dinheiro: o impacto das emoções em sua vida financeira.** São Paulo: Novo Século, 2011.

KÜLZER, Alessandra Zimmermann. **Estudo sobre modalidades de aplicações financeiras em renda fixa e variável direcionadas às pessoas físicas.** 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6601/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

LIMA FILHO, W. A. de; SILVA, C. T. C. da; LEVINO, N. de A. Comportamento financeiro pessoal: uma análise dos docentes da universidade federal de alagoas. **Sinergia - Revista Do Instituto De Ciências Econômicas, Administrativas E Contábeis**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 23-36, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/sinergia-2236-7608-v24n2-9411>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MASSARO, André. **Como cuidar de suas finanças pessoais**. Brasília, DF: Conselho Federal de Administração, 2015. p. 59.

MELLO FERREIRA, Vera Rita. Economia comportamental aplicada: por que fazemos o que fazemos?. **Revista Diálogos**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 39-48, jun. 2018.

MILONE, Giuseppe. **Estatística geral e aplicada**. São Paulo: Thomson, 2004. p. 28.

MINELLA, João Marcos et al. A influência do materialismo, Educação Financeira e valor atribuído ao dinheiro na propensão ao endividamento de jovens. **Revista Gestão e Planejamento**, Salvador, v. 18, p. 182-201, jan./dez. 2017. UNIFACS - Universidade Salvador.

MYERS, David. **Introdução à Psicologia Geral**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1999.

PUSSIARELI, Danielle Alves Fortuna. Finanças pessoais: uma pesquisa descritiva a respeito da aplicação de instrumentos financeiros entre a comunidade acadêmica no Centro Universitário São José de Itaperuna/RJ. **Conhecendo Online**, v. 2, n. 1, 2015.

REIS, Susana Costa. **A influência do estado emocional nas decisões de consumo e na administração das finanças pessoais**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis) - Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/14503>.

RODRIGUES, Ronaldo et al. Evidências da relação entre planejamento financeiro e propensão para o endividamento pessoal. **Escritos Contables y de Administración**, Bahía Blanca, Argentina, v. 9, n. 2, p. 61-83, 2018.

RUFINO, Marta Cacilda de Carvalho. Reflexões sobre endividamento e saúde mental. 2017. Disponível em: <https://journaldedados.files.wordpress.com/2017/06/reflexc3b5es-sobre-endividamento-e-sac3bade-mental.pdf>. Acesso em: 24 set. 2025.

SANTOS, Anita Paula Cavalcante dos; SANTOS, Danila Lopes Nogueira dos; SOUZA FIGUEIREDO, Giane Lourdes Alves de. Gestão financeira para o desenvolvimento pessoal: endividamento causas e consequências. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, p. 21, 2020.

SANTOS, José Odálio dos; BARROS, Carlos Augusto Silva. O que determina a tomada de decisão financeira: razão ou emoção?. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios** [online], São Paulo, v. 13, n. 38, p. 07-20, 2014. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/6048f529-5005-4e0f-b78e-332926cb2796/content>. Acesso em: 02 maio 2025. ISSN 1983-0807.

SERASA. **Composição do endividamento**. 2023. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/composicao-do-endividamento/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

SERASA. **Endividamento como saber se faço parte da estatística**. 2023. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/endividamento-como-saber-se-facoparte-da-estatistica/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

SERASA. **Financiamentos**: quais os principais tipos? Vale a pena contratar? 2022. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/blog/financiamentos-quais-os-principais-tiposvale-a-pena-contratar/>. Acesso em 12 nov. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, 2000. v. 21, p. 34.

SILVA, André Luiz Picolli. Desvendando o Comportamento Econômico. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 1271-1276, 2021.

SOUZA, Guilherme Santos. **Endividamento**: Buscando as motivações comportamentais e os impactos na saúde. 2019. 86 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Gestão e Negócios, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/24801/1/EndividamentoBuscandoMotivacoes.pdf>.